

O que É Bibliodrama?

Christoph Schneider-Harpprecht

1. As Raízes do Bibliodrama

Bibliodrama é a encenação de histórias e textos da Bíblia por um grupo. Na verdade isto não é coisa nova. A encenação de mitos e símbolos faz parte de quase todas as religiões¹. O dramático é um elemento básico da ação religiosa. Isto vale também para a religião do judaísmo e cristianismo. Muitos textos da Bíblia apresentam simplesmente conflitos básicos do ser humano, o drama da vida em geral e o drama da vida de cada dia: nascimento e morte, adolescência, relações familiares, a relação entre homem e mulher, gravidez e a falta de crianças, infidelidade, divórcio, perdas, envelhecimento. Outros textos tratam de conflitos básicos da sociedade: violência, injustiça, pobreza e exploração, guerra e paz, servidão e libertação. E quase todos os textos relacionam os conflitos que exprimem com a dimensão religiosa, com Deus. O drama da vida nestes textos inclui o drama da vida dos leitores e os conduz facilmente a uma apresentação dramática e atual. Nesta dramatização eles exprimem a sua maneira de viver a fé, descobrem melhor suas idéias religiosas e tentam entender e responder à relação específica com Deus e as pessoas proposta pelo texto bíblico.

No cristianismo europeu da era medieval desenvolveram-se encenações espontâneas do povo: as pessoas faziam procissões para representar e repetir a paixão de Cristo. Na Páscoa, os monges da Catedral de Chartres, na França, dançavam por um labirinto desenhado como mosaico no chão da igreja para entrar pessoalmente no caminho de Cristo, passando pela morte para chegar à nova vida. Em frente às igrejas as pessoas se divertiam com comédias e tragédias religiosas cujo tema era mais ou menos litúrgico e em que elas encontravam figuras simbolicamente importantes para a religião do povo, por vezes negadas pela Igreja (santos, demônios, o diabo)². As encenações religiosas do povo eram uma extensão do cristianismo tradicional e se transformavam facilmente num protesto popular contra os poderes da Igreja e da sociedade.

Neste sentido o bibliodrama surge hoje como expressão da religião popular também na América Latina. Numa procissão durante a semana santa, mulheres e jovens de uma favela de Bogotá interpretaram a palavra do Jesus crucificado: “Tenho sede” apresentando cenas de sua vida cotidiana: a falta de água, a dependência da ditadura dos preços imposta pelos vende-

dores de água³. O texto bíblico deu voz ao sofrimento destas pessoas negadas pela sociedade. O texto se tornou um símbolo que ajudou as pessoas a identificar sua própria situação e promoveu sua conscientização a respeito das necessidades e exigências sociais. A dramatização levou a uma catarse emocional que lhes permitiu sentir de novo suas forças e possibilidades. Obviamente este tipo de bibliodrama como expressão espontânea e elementar consegue efeitos sócio-terapêuticos no sentido do psicodrama, uma maneira de fazer psicoterapia através de encenações espontâneas de conflitos pelas próprias pessoas⁴. O texto bíblico serve à encenação que cria efeitos sócio-terapêuticos. E, por seu caráter simbólico, o texto se presta especialmente para exprimir desejos mais ou menos inconscientes e também utopias e esperanças de uma vida melhor e mais justa. Aparentemente, estas experiências básicas de bibliodrama não-elaboradas metodologicamente que têm lugar na América Latina estão muito perto do método do teatro dos oprimidos de Boal e do movimento do teatro da libertação⁵.

O surgimento do bibliodrama na Alemanha e nos Estados Unidos é bem diferente. Tem suas raízes numa teologia dominada pelo intelectualismo da interpretação histórica da Bíblia que não era capaz de lidar com experiências profundas na prática pastoral. Por causa disso, a teologia prática começou a preocupar-se com a psicologia e pedagogia. O bibliodrama também tem raízes entre psicólogos que descobriram a falta de experiência religiosa na sua área. Há décadas existem diversas tentativas de interpretação psicanalítica de textos bíblicos por parte de integrantes das escolas freudiana e jungiana⁶ e, do lado da teologia, tentativas de encenar histórias bíblicas com crianças e jovens nas escolas e comunidades. Nos anos setenta, quando começou a desenvolver-se na Europa o movimento psicodramático, em que também se formavam teólogos como diretores de psicodrama, era natural que se perguntasse como aplicar o psicodrama na prática pastoral.

2. Tipos de Bibliodrama

Hoje em dia existem três correntes de bibliodrama que já se organizam em distintas ofertas de formação bibliodramática para pessoas interessadas, sobretudo obreiros das igrejas:

a) uma concepção psicodramática ou de (gestalt-)psicologia que trata os símbolos bíblicos mais como expressão simbólica do inconsciente da pessoa ou do inconsciente coletivo⁷;

b) a concepção da pedagogia do jogo e do teatro, que quer principalmente animar a experiência da Bíblia através de encenações espontâneas ou representações de textos no teatro bíblico;

c) a concepção hermenêutica de bibliodrama, que usa métodos criativos e de auto-experiência psicológica para experimentar e entender os textos de uma maneira mais pessoal.

Explicarei a idéia de bibliodrama destas distintas correntes apresentando a concepção de um representante de cada uma delas:

Ad a): As propostas de Hilarion Petzold, o fundador da gestaltterapia integrativa, para o uso do psicodrama na terapia pastoral e auto-experiência religiosa incluem o bibliodrama e o apresentam como uma variante do psicodrama e sociodrama religioso. Petzold aproveita as idéias básicas sobre psicodrama e sociodrama de Jakob L. Moreno, que os concebe como psicoterapia de grupo em que os participantes levantam problemas pessoais ou sociais e os encenam num jogo de papéis. O psicodrama religioso faz isto com vistas a objetivos religiosos. “A relação pessoal com Deus e com o próximo, o sentido da mensagem cristã em nosso tempo, as dificuldades que surgem na vida cristã de cada dia são os temas gerais do psicodrama religioso.”⁸ Concretizando as reflexões através de ações no palco e dentro de um grupo, este tipo de psicodrama é um método para a exploração de problemas e experiências religiosas que independe de um conceito teológico específico ou de uma ideologia determinada⁹. No psicodrama religioso acontece com muita seriedade a luta do ser humano com Deus. Seguindo a filosofia terapêutica de J. L. Moreno, para Petzold a visão da relação da pessoa com Deus no psicodrama religioso está próxima do “realismo bíblico”, baseando-se seriamente na convicção de que Deus está perto e encontra-se no próximo (Mt 25.40)¹⁰. Em última análise, os encontros que ocorrem no jogo do grupo tornam-se encontros com Deus. Dialogando com Deus, o psicodrama religioso procura, à maneira de uma “teologia experimental”, a relação pessoal e social com Deus¹¹ e realiza o princípio de que toda doutrina teológica está baseada numa relação interpessoal. O bibliodrama — encenado como teatro espontâneo, e não como apresentação preparada do texto bíblico — faz parte deste processo didático. Serve para esclarecer textos difíceis — como o sacrifício de Isaque, por exemplo, que também confronta o grupo com a problemática do relacionamento entre pai e filho. Embora apenas toque a idéia do bibliodrama e destaque sua função didática, Petzold pelo menos pressente o seu sentido terapêutico e teológico.

Ad b): Sob a designação de “teatro bíblico” realizou-se na Alemanha, sobretudo no trabalho pastoral com jovens e na formação de modelos alternativos para o culto, uma prática pedagógica de vivências com textos bíblicos¹². Visam-se alcançar dois objetivos com ela: que os atores adotem o texto pessoalmente e que elaborem uma peça pronta para ser apresentada diante de um público no culto, numa festa de comunidade ou na rua. A equipe de Reinhard Hübner, pastor na cidade de Hamburgo, intenta primeiro iniciar um processo de experiências com o texto respeitando tanto a sua mensagem teológica e histórica quanto a auto-experiência dos atores e das atrizes. Como ponto de partida utilizam-se as associações e as imagens internas despertadas pela meditação. As imagens mostram a relação entre o texto e a biografia de uma pessoa. Procuram-se possibilidades de exprimir

estas reações com meios teatrais. O movimento do corpo, os gestos, os sentimentos ajudam a fomentar intensamente a recepção espontânea do texto por uma pessoa. A partir deste acesso pessoal pelas imagens internas cria-se então uma peça. O grupo trabalha estas cenas apresentadas, reflete sobre a relação com o texto, amplifica as imagens, usa recursos como panos, fantasias, maquilagem; mudam-se detalhes, experimentam-se diferentes papéis e desenvolvem-se novas cenas, sempre buscando um consenso e uma melhor compreensão da mensagem bíblica. Aos poucos monta-se uma estrutura da peça, e ao mesmo tempo cresce a coesão do grupo. A apresentação da peça diante de um público é o ponto culminante do teatro bíblico. Todo o processo de auto-experiência está a serviço deste alvo, sendo automaticamente limitado e também preservado por ele. Por estas razões, o teatro bíblico presta-se especialmente para o trabalho criativo com grupos na comunidade, abre espaços de jogo e comunicação e promove uma compreensão mais profunda do texto. O lado poimênico, porém, fica em segundo plano, e existe o perigo de despertar reações que o grupo não tem condições de assimilar.

Ad c): Gerhard M. Martin, professor de Teologia Prática na Alemanha, descreve o bibliodrama como um processo hermenêutico centrado em torno de um texto bíblico e desenvolvido através de esforços criativos e intelectuais de um grupo¹³. O objetivo do processo é a interpretação do texto pela experiência individual e intersubjetiva que nasce através da sua dramatização e atualização. No bibliodrama cruzam-se o texto da vida e o texto bíblico, mas os limites em relação à psicoterapia ficam bem definidos: a auto-experiência das pessoas pode surgir como segundo objetivo do bibliodrama¹⁴, mas geralmente está a serviço da compreensão do texto. Martin quer impedir que ele se torne um trampolim para o aconselhamento biográfico ou a abordagem de temas gerais¹⁵. Ele visa uma dramatização que siga as estruturas lingüísticas do texto e usa, conforme as teorias do movimento corporal de M. Feldenkrais, o corpo inteiro como instrumento da interpretação. Por exemplo, a apresentação de diversas palavras do Salmo 139 por gestos corporais mostra o seu sentido pessoal¹⁶. Ou então os membros do grupo desenham as estruturas espaciais do Salmo. Ao mesmo tempo, seus desenhos exprimem a paisagem da sua própria alma¹⁷ e a mensagem da presença de Deus tanto no céu quanto no abismo da própria vida das pessoas. Mesmo estando aberto para modificações na linha do teatro ou da psicoterapia, o bibliodrama em geral é considerado como “uma forma de prédica, não de um indivíduo, mas como prédica comunitária da comunidade madura”¹⁸. A exegese histórico-crítica faz parte do bibliodrama, tendo o importante papel de controlar as projeções e reflexões subjetivas¹⁹. Uma conversa de avaliação que se segue à fase criativa do bibliodrama pode destacar mais o lado exegético ou o lado poimênico, questionando as partes pessoais apresentadas no bibliodrama. Percebe-se certa falta de definição teológica do processo bibliodramático em Martin e seus colegas, que desejam que ca-

da um ache a sua maneira de fazer bibliodrama baseado em seus próprios fundamentos teológicos.

Em termos teóricos as coisas ainda não estão bem elaboradas. Consta-se em geral uma proximidade para com o estruturalismo, a teoria do símbolo religioso de Paul Tillich²⁰, a idéia do sagrado de Rudolf Otto, a psicologia jungiana e a significação religiosa do arquétipo²¹. Algumas destas tendências nos fazem perguntar se o bibliodrama não se move em direção a uma nova religiosidade mística e sincretista. Especialmente o conceito de bibliodrama como “mimese”, desenvolvido por Samuel Laeuchli nos Estados Unidos, o considera uma parte da encenação de mitos e símbolos religiosos. Por trás da sua intenção de, pela dramatização de imagens arcaicas, enveredar por um outro caminho não-filosófico e não-intelectual de reconhecimento da vida, esconde-se certa fascinação pelo arcaísmo, a cabala e o misticismo²². Para Laeuchli o texto bíblico, sendo uma imagem arcaica, exprime a brutalidade da sociedade urbana, a pobreza, a violência, conflitos raciais, a brutalidade da política do poder econômico e militar bem como das estruturas das famílias. Portanto, mesmo estando muito perto das experiências latino-americanas, a “mimese” infelizmente desemboca numa visão trágica da vida diante de um Deus escondido. Laeuchli afirma que o labirinto divino da vida não pode ser explicado, somente adivinhado e apresentado como imagem²³. Por causa desta postura, a vantagem do bibliodrama de permitir que se experimentem os conflitos da vida e da relação difícil com Deus sem neutralizá-los pela interpretação de um simbolismo dogmático ou psicológico contém o perigo de perder-se num misticismo trágico. Mas isto não vale para o bibliodrama em geral. Outros entendem o bibliodrama como meio para vivenciar, transmitir e partilhar a fé cristã²⁴. Em todo caso o bibliodrama serve de instrumento para a confrontação pessoal com conteúdos bíblicos. A finalidade para a qual se o usa depende da religiosidade de seus líderes.

No entanto, o bibliodrama tenta transgredir os limites entre psicologia, teologia e teatro. Cada um dos três tipos que apresentamos mostra uma ênfase diferente. As pessoas querem entender um texto por meio do teatro ou da psicologia (concepção hermenêutica), ou querem enriquecer a experiência por meio da encenação teatral (concepção de pedagogia do teatro), ou querem estender o teatro para a área da psicoterapia e da religião (concepção psicodramática). O bibliodrama tem que integrar estes diferentes sentidos. A integração de teologia, psicologia e teatro num processo experimental é sua grande chance, mas contém o perigo de confundir os limites e perder-se no escuro.

O grupo de bibliodrama se movimenta sempre entre três pontos principais: a psique da pessoa, o texto bíblico, o contexto do processo de grupo e da sociedade. O método grupal de interação centrada em temas, de Ruth Cohn, que trabalha sempre com o triângulo das relações entre pessoa, tema e grupo, serve para a organização deste processo²⁵. É preciso decidir

qual é o objetivo principal. Isto depende do interesse e da formação do líder do grupo e também do objetivo e da estrutura do grupo. Bibliodrama com jovens ou velhos é uma coisa diferente de bibliodrama com profissionais da área de aconselhamento.

O bibliodrama visa uma interpretação mútua do texto bíblico e da psique. No jogo com o conteúdo do texto abre-se um círculo hermenêutico: o texto provoca nas pessoas associações, idéias, lembranças e experiências ainda não conscientes que de repente levam a uma nova compreensão de aspectos ainda inconscientes do texto.

3. Uma Sessão de Bibliodrama

Tentarei descrever em traços gerais uma sessão de “bibliodrama hermenêutico” e depois refletir um pouco sobre a relação com o próprio psicodrama psicoterapêutico, sobre a relação com a exegese e sobre os fundamentos teológicos deste trabalho.

Podem-se reconhecer numa sessão de bibliodrama as fases do processo psicodramático: a fase do aquecimento, a fase da encenação ou dramatização e a fase da avaliação emocional e intelectual.

Para animar o grupo no aquecimento servem muitas técnicas tradicionais do psicodrama e de outras terapias humanistas. Já neste ponto do processo grupal existe a possibilidade de entrar em contato com a Bíblia em geral ou com um texto específico. Um método possível consiste em identificar-se com personagens da Bíblia que se conhecem e dos quais se gosta. Os integrantes do grupo lembram a história bíblica. Quem não a conhece bem pode perguntar os outros do grupo. As pessoas se tornam uma figura bíblica e se apresentam, contando uma parte da “sua” história. Depois há espaço para encontrar-se com os outros personagens bíblicos e falar com eles. Assim nascem as primeiras relações pessoais no grupo, mas já num nível simbólico. Os personagens bíblicos são símbolos da própria pessoa e sua situação atual, mas também mostram a sua própria religiosidade. Nesta apresentação o grupo começa a formar-se. Muitas vezes surge uma fantasia comum dos membros do grupo. Eles provavelmente vão escolher uma das histórias apresentadas que exprima esta fantasia do grupo, bem como um problema religioso comum. Outros líderes de bibliodrama preferem trabalhar com um texto determinado e, por meio dos exercícios da fase inicial, querem sensibilizar o corpo como instrumento de experiência.

Na fase de dramatização do texto existe a possibilidade de encenar um jogo psicodramático grupal. Ao tratar da história do paraíso e da queda, por exemplo, os membros do grupo se transformam em Adão, Eva, nas árvores da vida e do conhecimento do bem e do mal, em animais e plantas do paraíso e também em Deus e no anjo que guardará a porta do Jardim do Éden. O processo do jogo é livre. As pessoas podem seguir a estru-

tura do texto e às vezes ampliá-la. Eva pode sentir como é ser criada a partir da costela do homem. Ela pode protestar contra este processo ou recusar-se a participar dele. Pode surgir a questão da culpa. Talvez Adão e Eva discutam com Deus, perguntem por que ele colocou a proibição de comer do fruto da árvore, sintam a onipotência e onisciência prometidas pela serpente e a dureza da vida fora do paraíso. Cenas da vida particular dos atores surgirão na sua imaginação: meu desejo de ser (oni)potente, meus sentimentos de culpa... A situação dos atores e as questões da sociedade influenciam a peça e se misturam com a matéria do texto. Samuel Laeuchli chama este processo de compreensão e interpretação mútua entre pessoa, grupo, sociedade e texto: “mimese”.

A compreensão atinge a pessoa toda, não somente o intelecto. Isto vale também para outros métodos de dramatização. É possível tomar algumas palavras-chave do texto e dramatizá-las ou descobrir somente o caráter de diferentes papéis, fazer entrevistas com Adão, Eva ou Deus. É possível aprofundar um detalhe e ampliá-lo através de associações e lembranças importantes para os membros do grupo, e apresentar, por exemplo, o que significa a sedução ou a queda para cada pessoa. Neste caso se está agindo numa dimensão que Moreno chama de *surplus-reality*, a realidade imaginária que agora está presente no palco. As técnicas de psicodrama, a inversão e o revezamento de papéis, dupla, espelho, entrevistas com os protagonistas, etc. prestam-se muito bem para aprofundar esta experiência e levá-la adiante. Entender pela dramatização se torna um processo criativo e talvez terapêutico, que progride muito devagar. Régras básicas são: *slow down*, andar lentamente, trabalhar em pequenos detalhes, voltando constantemente ao texto com novas perguntas e novos métodos, percebendo as reações e ações das pessoas com respeito a sua própria história. Desta maneira a história bíblica pode tornar-se um modelo de percepção da realidade assim como o mito de Édipo foi um modelo para a compreensão psicanalítica de Freud. Dentro deste modelo o espaço está aberto para as pessoas sentirem e enxergarem sua relação com Deus.

Talvez pareça estranho representar os papéis de Deus ou de Cristo no bibliodrama. Com isto não se comete um sacrilégio, pois sabemos que sempre existe uma diferença fundamental entre a verdade de Deus ou Cristo e a imagem deles que carregamos dentro de nós. Nossa imagem de Deus e Cristo, formada através das experiências feitas com a Igreja durante a infância e adolescência, tem efeitos construtivos ou destrutivos, pode ajudar a fé e o amor ou despertar medo e raiva, que impedem ou destroem a fé. A encenação das imagens muitas vezes inconscientes proporciona uma possibilidade de verificar a própria impressão de Deus confrontando-a com a mensagem do texto, e talvez de corrigi-la, transformando o medo em confiança, por exemplo. O segundo mandamento exige que encaremos criticamente nossos conceitos de Deus, que sempre existem para que nos abramos de novo para a realidade divina escondida atrás das imagens.

Como no grupo psicodramático, a avaliação por “compartilhamento” (*sharing*) e o “*feedback* relativo ao desempenho de papéis” (*role-feedback*) sempre fazem parte do processo do grupo de bibliodrama.

No *sharing* as pessoas podem comunicar reações pessoais despertadas pela encenação, e no *feedback* elas refletem sobre o que significam a escolha de seus papéis, o seu comportamento durante a encenação e a dinâmica do grupo para si mesmas e para sua compreensão do texto bíblico. Enquanto no psicodrama muitas vezes o assunto dos jogos e das avaliações muda, o processo bibliodramático desenvolve-se mais como uma espiral em torno do texto bíblico, integrando exegese, teologia e aconselhamento pastoral. Na avaliação os membros do grupo refletem sobre suas ações e sentimentos, descobrem paralelos na sua própria vida, relacionam-se uns com os outros no grupo, colocam críticas ou se apoiam mutuamente. E aí existe sobretudo a possibilidade de refletir criticamente sobre a dimensão religiosa da experiência feita no jogo e de colocar novas perguntas.

4. A Relação do Bibliodrama com a Exegese, a Teoria Teológica e a Psicoterapia

Perguntamos, no fim desta exposição, como o bibliodrama se relaciona com a exegese histórico-crítica, quais são os fundamentos teológicos da interpretação e qual é sua relação com a psicoterapia, o psicodrama psicoterapêutico.

a) A exegese histórico-crítica é parte integrante do bibliodrama. Em certos pontos do processo grupal suas reflexões e percepções ajudam a compreensão, fornecem um esquema histórico e orientam sobre o ambiente social e religioso, movimentos populares como os fariseus ou o interesse teológico da redação do texto. Seu papel consiste em informar e corrigir hipóteses e fantasias, mas não em impedir a imaginação. Pois esta, ao atuar nas encenações, pode trazer novos aspectos para a exegese. De repente os leigos descobrem a falta de certas pessoas dentro do texto ou relações especiais (por exemplo: onde escondeu-se o parceiro da adúltera em João 8 e por que as pessoas não o puniram?). Assim surgem novas perguntas para a exegese. E no bibliodrama os próprios leigos entendem conceitos exegeticos: redação, fontes literárias, etc.

b) Mas o bibliodrama conduz mais a uma exegese espiritual: os símbolos do texto tornam-se papéis. Assim experimenta-se o seu sentido como parte da própria pessoa, e por isso podemos descobrir novos aspectos da nossa relação com Deus. A teoria do símbolo religioso de Paul Ricoeur ajuda a entender isto. Conforme Ricoeur, o símbolo é equívoco. O seu sentido literal fica transparente para um outro sentido e o apresenta indiretamente. Podemos distinguir entre o sentido cósmico, o sentido onírico e o senti-

do poético do símbolo religioso. Fatos cósmicos, a natureza, a terra, a água, o ar, o céu, o sol, a lua, as estrelas são onipresentes na vida humana e formam símbolos básicos (*Ursymbole*) que levam à experiência do sagrado transcendente (sentido cósmico). Do lado do indivíduo os símbolos do sonho representam aspectos do inconsciente pessoal (sentido onírico). Eles exprimem partes escondidas da biografia e sobretudo conflitos básicos da pessoa. Ricoeur não reflete suficientemente sobre o fato de que aprendemos desde a infância o sentido dos símbolos por meio dos outros, da sociedade com que interagimos. Por isso os símbolos individuais também têm um sentido social e representam a realidade e os conflitos da família, dos grupos e da sociedade (sentido social). Símbolos são criações poéticas que transformam as pessoas no processo de compreensão. Para entender o sentido de uma metáfora poética as pessoas precisam imaginá-la, e elas próprias transformam-se interiormente neste movimento da imaginação (sentido poético)²⁶. Ao lidar, então, com símbolos encontramos nossa biografia, conflitos sociais, experiências cósmicas, passamos por transformações criativas por meio da imaginação e, assim, aproximamo-nos do sagrado.

Textos bíblicos são criações simbólicas. O bibliodrama apreende principalmente o sentido poético do símbolo. Através da identificação com certos aspectos dos textos os símbolos apresentados nos papéis dos atores são criações individuais, exprimindo ao mesmo tempo conflitos da pessoa ou do grupo. Ao assumir o papel de Moisés no Egito frente ao faraó, a pessoa apresentará a sua versão de Moisés e descobrirá, pela alheação implicada no desempenho do papel, aspectos novos e já conhecidos da sua pessoa e, entrando na relação de Moisés com Deus, reconhecerá e sentirá possibilidades conhecidas e novas de viver essa relação. Assim abre-se a possibilidade de fazer novas experiências com Deus no bibliodrama. O próprio texto vai além do individualismo, lembrando o conflito do povo explorado com o representante do poder. A libertação social como tema da Bíblia aproxima o bibliodrama do teatro popular latino-americano. Em certos contextos, o bibliodrama demascara estruturas de injustiça e torna-se um instrumento de conscientização e protesto.

c) Além da concordância formal que já apresentei, creio que a dimensão terapêutica do bibliodrama é a mesma como a do psicodrama. Ambos são processos de interação criativa pela qual uma pessoa pode superar rupturas do seu comportamento, recuperar sentimentos reprimidos, levar ao nível da consciência assuntos e temas reprimidos e excluídos da sua vida.

Os elementos básicos da interação criativa²⁷ são a criação de um sistema (o espaço do jogo, o conteúdo da história encenada), o encontro dinâmico, em que as pessoas se conhecem durante a dramatização, a participação interacional, em que elas entram, quase que numa troca imaginária de papéis, na situação do outro e aprendem a conhecer a sua realidade, e uma solução integrativa, em que elas conseguem resolver e exprimir simbolicamente o tema da sua interação ou o conflito tratado. Poderíamos descrever

as funções básicas do ego e também as técnicas básicas do psicodrama como funções da interação criativa. A neurose pode ser considerada como fixação de interrupções da interação criativa entre pessoas.

Tanto o bibliodrama quanto o psicodrama ajudam a pessoa a expressar-se em nível corporal, emocional e intelectual, incluindo todas as suas relações básicas consigo mesma, com o outro, com Deus ou a transcendência. Por “psicoterapia” entendo a tarefa de recuperar e ampliar a capacidade da pessoa de relacionar-se nestas dimensões básicas do ser humano.

Mas, apesar de seus efeitos terapêuticos, o bibliodrama lida mesmo com textos que exigem ser entendidos e cujos símbolos apresentam uma variedade limitada de idéias sobre a relação entre Deus e os seres humanos. Por isso o bibliodrama não é um novo método de psicoterapia ou de psicoterapia religiosa. É um método para a pessoa fazer experiências consigo mesma e especialmente com a sua religiosidade e fé em relação aos textos da tradição judaico-cristã. Neste sentido o bibliodrama está aberto para todas as pessoas, independentemente de sua postura religiosa. O caráter ambivalente dos símbolos religiosos — que podem ser entendidos, por um lado, como expressão da psique individual, do grupo e da sociedade, mas, por outro lado, também como expressão da relação da pessoa com a transcendência — torna o bibliodrama uma chance de refletir criticamente sobre a religiosidade da pessoa e de fazer experiências de amadurecimento. Entretanto, o efeito terapêutico e a dinâmica profunda de grupos de bibliodrama exigem dos líderes do grupo uma boa formação na área da psicoterapia, da dinâmica de grupo e do aconselhamento. O grande perigo é o diletantismo.

Lembremo-nos daquelas mulheres de Bogotá que acharam nos textos bíblicos um modelo para entender o seu sofrimento e exprimir o seu protesto. O bibliodrama espontâneo da América Latina tem um forte sentido social. Isto falta ainda nos conceitos bibliodramáticos da Europa e é pouco elaborado nos Estados Unidos. Estão começando agora tentativas de comparar e talvez combinar bibliodrama e métodos do teatro da libertação da América Latina. Isto me parece ser uma grande chance no caminho para uma experiência religiosa integral, profunda e crítica no contexto do cristianismo.

Notas

- 1 Cf. art. “Drama”, in: M. ELIADE, ed., *The Encyclopedia of Religion*, New York, 1987, vol. 4, pp. 436ss.
- 2 A relação entre Igreja e teatro e as formas do teatro histórico cristão são apresentadas em H. U. von BALTHASAR, *Theodramatik*; vol. 1: Prolegomena, Einsiedeln, 1973, pp. 81-121, 136-161.
- 3 História oral de Dorothee Soelle, comunicada ao autor em março de 1991.
- 4 Para uma introdução ao psicodrama e sociodrama, cf. C. M. GONÇALVES, J. R.

- WOLFF & W. S. ALMEIDA, *Lições de Psicodrama*; Introdução ao Pensamento de J. L. Moreno, São Paulo, 1988.
- 5 A. BOAL, *Teatro dos Oprimidos*; Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular; uma Revolução Copernicana ao Contrário, 3. ed., São Paulo, 1968; G. A. BORNHEIM, “Sobre o Teatro Popular”, in: *Encontros com a Civilização Brasileira*, caderno 10, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
 - 6 M. KASSEL, *Biblische Urbilder*; tiefenpsychologische Auslegung nach C. G. Jung, 2. ed., München, 1980; Y. SPIEGEL, ed., *Psychoanalytische Interpretation biblischer Texte*, München, 1974; ID., ed., *Doppeldeutlich*; Tiefendimensionen biblischer Texte, München, 1978.
 - 7 Uma orientação básica sobre o bibliodrama encontra-se em U. BUBENHEIMER, “Bibliodrama — Selbsterfahrung und Bibelauslegung im Spiel”, in: I. BAUMGARTNER, ed., *Handbuch der Pastoralpsychologie*, Regensburg, 1990, pp. 533-547; J. BOBROWSKI, *Bibliodramapraxis*; biblische Symbole im Spiel erfahren, Hamburg, 1991.
 - 8 H. PETZOLD, “Zu den Verwendungsmöglichkeiten des Psychodramas in der Pastoraltherapie, Seelsorge und religiösen Selbsterfahrung und in der Didaktik des Religionsunterrichts”, in: ID., ed., *Angewandtes Psychodrama*, 3. ed., Paderborn, 1978, p. 354.
 - 9 Ibid.
 - 10 Ibid., p. 355.
 - 11 Ibid., p. 356.
 - 12 Cf. F. ROHRER, ed., *Bibeltheater*, Hamburg, 1990; R. HÜBNER, “Geschichtentheater”, *Wissenschaft und Praxis in Kirche und Gesellschaft*, 68:151ss., 1969; R. HÜBNER et al., *Spielräume für Gruppen*; eine Praxis der Spiel- und Theaterpädagogik, vol. 1, München, 1985, vol. 2, Hamburg, 1986; U. BRITZ et al., *Biblische Botschaft erleben*; Erfahrungsbezogene Verkündigung in der Gemeindefarbeit, Hamburg, 1990.
 - 13 G. M. MARTIN, “Kleines Plädoyer für das Bibliodrama”, in: *Bibel und Liturgie*; Bausteine für das Leben in Gemeinden, 62(1):33, 1989.
 - 14 G. M. MARTIN, art. “Bibliodrama”, in: *Evangelisches Kirchenlexikon*; internationale theologische Enzyklopädie, Göttingen, 1986, vol. 1, col. 487.
 - 15 G. M. MARTIN, “Bibliodrama — ein Modell wird besichtigt”, in: Antje KIEHN et al., *Bibliodrama*, Stuttgart, 1987, pp. 55s.
 - 16 Ibid., pp. 48ss.
 - 17 Ibid., pp. 57ss.
 - 18 G. M. MARTIN, “Kleines Plädoyer für das Bibliodrama”, p. 33.
 - 19 Cf. G. M. MARTIN, “‘Bibliodrama’ als Spiel, Exegese und Seelsorge”, *Wissenschaft und Praxis in Kirche und Gesellschaft*, 68:137s., 1969; ID., “Das Bibliodrama und sein Text”, *Evangelische Theologie*, 45(6):515-526, 1985.
 - 20 Cf. J. BOBROWSKI, *Bibliodramapraxis*, pp. 191-207.
 - 21 Cf. A. KIEHM, “Die grossen Augenblicke; Transzendenzerfahrungen im Bibliodrama”, in: ID. et al., *Bibliodrama*, pp. 91ss.
 - 22 Cf. S. LAEUHLI, *Das Spiel vor dem dunklen Gott*; “Mimesis” — ein Beitrag zur Entwicklung des Bibliodramas, Neukirchen, 1987, pp. 131ss. Cf. também ID., “Abraham und Isaak; Einführung in eine mimetische Bewältigung”, in: A. KIEHM et al., *Bibliodrama*, pp. 16-43; ID., *Die Bühne des Unheils*; das Menschheitsdrama im mythischen Spiel, Stuttgart, 1988.
 - 23 Cf. S. LAEUHLI, *Das Spiel vor dem dunklen Gott*, p. 147.
 - 24 Cf. H. ANDRIESEN & N. DERKSEN, *Lebendige Glaubensvermittlung im Bibliodrama*; eine Einführung, 2. ed., Mainz, 1991.

- 25 Cf. J. BOBROWSKI, *Bibliodramap Praxis*, pp. 170ff.
- 26 Cf. P. RICOEUR, *Symbolik des Bösen*; *Phänomenologie der Schuld II*, Freiburg-München, 1988, pp. 17-26.
- 27 Para a teoria da interação criativa em relação com o psicodrama cf. R. T. KRÜGER, “Eine Interaktionstheorie des Psychodramas”, manuscrito não-publicado, Hannover, 1987.

Christoph Schneider-Harpprecht
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS